

## QUINTAIS PRODUTIVOS COMO PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

Gabriela Almeida Mota<sup>1</sup>; Jéssica Puhl Croda<sup>2</sup>; Helena Koch Beltrão<sup>3</sup>; Kauane Gabrielle Martins<sup>4</sup>; Paulo Rogério Lopes<sup>5</sup>

### GT 5 – Desenvolvimento Territorial e Transição Agroecológica

#### Resumo

O presente artigo busca revelar o impacto e a relevância dos quintais produtivos urbanos, periurbanos e rurais para a agrobiodiversidade, enquanto ferramenta para a soberania e segurança alimentar e nutricional na promoção do desenvolvimento territorial sustentável. Este trabalho tem como objetivo analisar o mapeamento de quintais produtivos urbanos, periurbanos e rurais no litoral paranaense, com a finalidade de evidenciar a presença da agrobiodiversidade e seus diferentes usos, ampliando a visão dessa tecnologia como sendo multidimensional. Fizeram parte da pesquisa, as famílias da Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger, assentamento organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, em Antonina/PR e as famílias residentes no município de Matinhos, ambas no litoral paranaense. Os dados coletados e sistematizados são frutos da pesquisa de campo realizada nos anos de 2022 e 2023 com as famílias através da pesquisa-participante aliada às metodologias participativas. O mapeamento resultou na análise e levantamento de 129 diferentes espécies vegetais em 13 quintais produtivos urbanos, periurbanos e rurais, além de olhar para os diferentes usos em cada território, principalmente no que diz respeito à alimentação, além de comercialização, adubação, entre outras. A fim de concluir, a prática de cultivo dos quintais está intimamente associada à mudança social e melhoria de vida dessas agricultoras e agricultores urbanos, periurbanos e rurais responsáveis pela guarnição de saberes e sabores da agrobiodiversidade.

**Palavras-chave:** Agroecologia; quintal produtivo; agrobiodiversidade; pesquisa-participante.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável/UFPR; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: [gabe-mota@live.com](mailto:gabe-mota@live.com)

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia Florestal; Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável/UFPR; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: [jessicacroda@ufpr.br](mailto:jessicacroda@ufpr.br) ORCID: 0000-0003-2752-5053

<sup>3</sup> Graduanda em Agroecologia; Tecnologia em Agroecologia/UFPR; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: [arteslinhaslivres@gmail.com](mailto:arteslinhaslivres@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável/UFPR; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: [kauMartins20@gmail.com](mailto:kauMartins20@gmail.com)

<sup>5</sup> PhD em Recursos Naturais (USP); Professor UFPR Litoral; Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail: [agroecologialopes@gmail.com](mailto:agroecologialopes@gmail.com) ORCID: 0000-0003-1454-7202

## 1 INTRODUÇÃO

O litoral do Paraná é marcado por desigualdades sociais que segundo Tiepolo (2015) em seu ensaio *Inquietude da Mata Atlântica: política do abandono em uma terra cobiçada*, é necessário somar esforços no sentido da construção de uma agenda socioambiental para essa região, com objetivos de abrir e ou ampliar os caminhos a serem trilhados rumo a um modelo contracorrente de desenvolvimento que tenha como referência a justiça ambiental.

Para Dallabrida (2015) não tem como existir um desenvolvimento territorial se nele não há dinamização socioeconômica visando a melhoria da qualidade de vida da população, levando em consideração que o desenvolvimento é antes de mais nada, um processo de mudança continuada, estabelecida histórica e territorialmente, levando em conta as perspectivas regionais e globais.

O quintal produtivo é compreendido como o espaço ou terreno situado no entorno das casas onde de forma acessível é possível cultivar e manejar grande diversidade de plantas para fins medicinais, condimentares, frutíferas, madeireiras além da criação de animais de pequeno porte (DOS SANTOS; CIMA; BONI, 2018).

É uma tecnologia social capaz de promover educação ambiental, interação social e garantia da segurança e soberania alimentar e nutricional, bem como a geração de novas fontes de renda.

A agricultura urbana, bem como os quintais produtivos, apresentam-se como uma potente alternativa para mitigar uma série de problemas ambientais e sociais a partir da lente do desenvolvimento territorial sustentável.

Nos critérios de sustentabilidade, Ignacy Sachs (2002) ressalta a melhoria do ambiente urbano, bem como, estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis e ainda destaca na dimensão econômica, a segurança alimentar.

A prática de quintais produtivos aqui analisada se apresenta como uma alternativa viável e promissora para o enfrentamento das mazelas socioambientais, a vulnerabilidade econômica e a má gestão dos recursos nos meios urbanos, periurbanos e rurais, fruto do sistema acumulador e predatório, atravessado pela especulação imobiliária e a má distribuição de terras tanto no campo como na cidade.

A agroecologia tem um histórico de trabalho mútuo do ser humano com a terra, tendo a partir dessa relação uma busca por uma convivência equilibrada nas dimensões ambientais, sociais, econômica, ética e cultural.

Altieri (2004, p. 23) amplia o conceito de agroecologia, integrando a essa abordagem “os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo”.

A valorização da agrobiodiversidade é sobre respeitar a ancestralidade negra, indígena, caiçara e outras comunidades tradicionais, resgatar identidades, memórias e culturas alimentares da população brasileira, considerando especialmente o protagonismo das mulheres (BEZERRA, 2021).

A troca de experiências entre familiares e vizinhos contribui expressivamente para a conservação da biodiversidade. Ao utilizar técnicas de manejo de base sustentável, conhecimentos muitas vezes tradicionais e locais, que dizem respeito à característica singular de cada território, através de receitas e segredos de família, passadas de geração após geração, por meio da oralidade e das práticas cotidianas.

Nesse aspecto carrega-se um entendimento do respeito às diferenças, da justiça social, da soberania alimentar, da sensibilidade cultural, do reconhecimento das identidades individuais e coletivas, que permeiam a vida humana.

Saquet (2018) define que é preciso entender a identidade baseado nas particularidades, assim ao projetar, transformar, ou realizar modificações no sistema presente é necessário que esse seja pensado nesse espaço como um todo dentro de suas limitações, contexto e atores sociais.

O presente estudo teve como objetivo analisar o mapeamento de quintais produtivos urbanos, periurbanos e rurais no litoral paranaense, no período dos anos de 2022 e 2023, com a finalidade de evidenciar a presença da agrobiodiversidade e seus diferentes usos, ampliando a visão dessa tecnologia como uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável.

Além desta primeira parte introdutória, o trabalho está estruturado em mais três partes, a segunda seção é a metodologia, a terceira parte são os resultados e discussões, estes organizados em duas seções, contextualizando os quintais produtivos urbanos e periurbanos e o quintal produtivo rural, para então chegarmos à conclusão do texto.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia fundamental adotada para a pesquisa nos quintais urbanos e periurbanos de Matinhos e nos quintais rurais do Assentamento José Lutzenberger em Antonina no litoral paranaense, durante os anos de 2022 e 2023, foi a pesquisa-participante.

Tendo como prioridade o indivíduo como o próprio pesquisador e investigador, buscando compreender de fato sua realidade e dentro dela suas dificuldades, potencialidades e aspirações. Assim, busca produzir o conhecimento genuíno a partir de suas próprias visões de mundo, para que possam entender melhor seus problemas e agir em defesa de seus interesses (FALS BORDA, 1978).

A caminhada transversal é uma metodologia que foi utilizada tanto nos quintais produtivos em áreas rurais quanto no meio urbano e periurbano, que consiste em caminhar e conversar mais diretamente com cada agricultora/agricultor, que nos apresentam suas áreas de produção partindo do ponto inicial que lhes são mais confortáveis e significativos.

Para o mapeamento dos quintais produtivos urbanos e periurbanos em Matinhos, o principal meio foi a bicicleta. Pedalando pelos bairros da cidade observando a paisagem e as plantas cultivadas pelos moradores, pôde-se pôr em prática as metodologias da caminhada transversal junto com a entrevista semiestruturada.

Essa metodologia tem como fundamento perguntas geradoras mais amplas, com o intuito de não somente questionar, mas, propor uma reflexão acerca do espaço em questão. No total foram nove quintais mapeados no município, dentre eles, ênfase neste trabalho a horta comunitária da Associação de Moradores do bairro Vila Nova (Figura 1) e o quintal produtivo do morador Lau de Caiobá.

Figura 1 – Horta urbana comunitária da Associação de Moradores do bairro Vila Nova em Matinhos, Paraná.



Fonte: Autores (2023).

Na Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger as metodologias participativas foram as grandes aliadas dos processos coletivos, no primeiro momento o círculo de cultura de Paulo Freire (Figura 2) foi o pontapé inicial para começarmos o diálogo com a comunidade, em que a “dialeiticidade gera uma dinâmica que supera o estático” (FREIRE, 1977, p. 88), a fim de manifestar as diversas visões de mundo dentro do coletivo, partindo da particularidade de cada indivíduo.

Nesses espaços é possível encontrarmos as convergências e divergências de ideias, e o ponto em que a diversidade de ideias se transformam em potencialidades. Nesse momento/espço, a palavra é a principal ferramenta, e de acordo com Freire (1977, p. 72) “a palavra tem duas dimensões: a reflexão e a ação. Assim, a verdadeira palavra é a práxis da liberdade”.

Figura 2 – Oficina do futuro, mesa da partilha e círculo de cultura na Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger em Antonina, Paraná.



Fonte: Autores (2022).

Ao longo dos encontros em campo no ano de 2022, junto à comunidade foram trabalhadas as metodologias de diagnóstico socioambiental participativo, como a FOFA (Fraquezas, Oportunidades, Fortalezas e Ameaças), metodologia adotada para o contexto coletivo em que a comunidade se organiza tendo o trabalho com a terra na centralidade das relações, buscando identificar em seus eixos: como, quem e de quais maneiras as companheiras e companheiros vem ou podem vir a atuar em prol do desenvolvimento da comunidade.

Já a matriz de problemas e prioridades foi utilizada com foco em detalhar as dificuldades e os sonhos em relação à produção dos quintais produtivos das/dos agricultores, para então, juntas e juntos encontrar meios de solucionar as dificuldades que se apresentam ao longo da metodologia.

Após o trabalho metodológico em roda, foi a vez de ir até as áreas de produção, permeados pela caminhada transversal aliada à entrevista semiestruturada, as agricultoras e agricultores nos apresentam seus quintais da forma que lhes é mais confortável.

Aliando essas metodologias é possível identificar a história, a relevância, e a agrobiodiversidade presente nos quintais bem como a utilização da área em questão, buscando compreender se a produção é para uso próprio da família ou se sua finalidade seria para comercialização.

A escolha das metodologias participativas se sustenta no pressuposto do envolvimento ativo da comunidade ao traçar as metas e enxergar os obstáculos e aspirações, por intermédio do olhar atento à produtividade de seus quintais.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo dos quintais produtivos tanto urbanos e periurbanos quanto rurais, revela a grande potência em relação à segurança alimentar e nutricional da população.

As famílias conseguem manter uma diversidade de alimentos em sua dieta, que para além da diversidade, se destaca também a qualidade desses alimentos, que não passam pela utilização de insumos químicos, o manejo dessas culturas perpassa por práticas que estão intimamente ligadas à perspectiva da Agroecologia.

A informação das famílias sobre ter ao menos uma colheita por estação já é significativa. O quintal nunca deixa de produzir, demonstrando sua capacidade produtiva, indo ao encontro da insegurança alimentar reforçada pela industrialização da alimentação e pela produção de *commodities*.

#### 3.1 QUINTAIS PRODUTIVOS URBANOS E PERIURBANOS

Os nove quintais produtivos urbanos e periurbanos mapeados em Matinhos contém tamanhos variados, sendo o maior com 12mX25m e o menor, um canteiro de 70cmX2m.

Identificou-se um total de 85 espécies, sendo 28 nativas do território brasileiro e 57 espécies exóticas, entre ervas medicinais, PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais), frutíferas, hortaliças e arbóreas, responsáveis pela colaboração da identidade e cultura relacionadas à região em que vivem e de onde vieram.

O quadro 1 apresenta as espécies mapeadas e a sua utilização relatada pelas e pelos entrevistados nos quintais, o que nos direciona a uma realidade que vem trabalhando na lógica da subsistência, contendo predominantemente o eixo de utilização em prol alimentar e medicinal.

Quadro 1 – Caracterização dos nove quintais mapeados no município de Matinhos, Paraná.

Nome popular	Nome científico	Usos	Origem
Ameixa amarela (nêspera)	<i>Eriobotrya japonica</i>	Alimentação	Exótica
Jabuticaba	<i>Plinia cauliflora</i>	Alimentação	Nativa
Banana	<i>Musa spp.</i>	Alimentação	Exótica
Ingá	<i>Inga spp.</i>	Alimentação	Nativa

Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	Alimentação	Nativa
Pêssego	<i>Prunus persica</i>	Alimentação	Exótica
limão-rosa	<i>Citrus x limonia</i>	Alimentação	Exótica
Juçara	<i>Euterpe edulis</i>	Alimentação	Nativa
Café (vermelho)	<i>Coffea arabica</i>	Ornamental/bebida	Exótica
Limão	<i>Citrus spp.</i>	Alimentação	Exótica
Tabaco/fumo	<i>Nicotiana tabacum</i>	Ornamental	Exótica
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	Alimentação	Exótica
Araucária	<i>Araucaria angustifolia</i>	Ornamental	Nativa
Condessa	<i>Annona reticulata</i>	Alimentação	Nativa
Graviola	<i>Annona muricata</i>	Alimentação	Nativa
Margaridão	<i>Sphagneticola trilobata</i>	Cobertura de solo	Exótica
Picão de praia	<i>Acanthospermum hispidum</i>	Cobertura de solo	Exótica
Abacate	<i>Persea americana</i>	Frutífera	Exótica
Bergamota	<i>Citrus reticulata</i>	Frutífera	Exótica
Pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	Frutífera	Nativa
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i>	Alimentação/Frutífera	Nativa
Arroz	<i>Oryza sativa</i>	Reprodução de sementes	Exótica
Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i>	Alimentação/reprodução de sementes	Nativa
Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i>	Ornamentação	Exótica
Tansagem	<i>Plantago major</i>	Medicinal/PANC	Nativa
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Medicinal	Exótica
Orégano	<i>Origanum vulgare</i>	Alimentação/medicinal	Exótica

Peixinho da horta	<i>Stachys byzantina</i>	Medicinal/alimentação/PANC	Exótica
Cana	<i>Saccharum officinarum</i>	Alimentação	Exótica
Jambu	<i>Acmella oleracea</i>	Alimentação/PANC	Nativa
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	Alimentação	Exótica
Abóbora	<i>Curcubita spp.</i>	Alimentação	Nativa
Capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i>	Medicinal	Exótica
Ora-pro-nobis	<i>Pereskia aculeata</i>	Medicinal/PANC	Nativa
Açafrão	<i>Curcuma longa</i>	Medicinal	Exótica
Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i>	Medicinal	Exótica
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	Medicinal	Exótica
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Ornamental/medicinal	Exótica
Erva baleeira	<i>Cordia verbenacea</i>	Medicinal	Nativa
Cidreira	<i>Melissa officinale</i>	Medicinal	Nativa
Cavalinha	<i>Equisetum</i>	Medicinal	Exótica
Avelóz	<i>Euphorbia tirucalli</i>	Medicinal	Exótica
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Medicinal	Exótica
Palma	<i>Opuntia ficus-indica</i>	Ornamental/Medicinal	Exótica
Melissa	<i>Melissa spp</i>	Medicinal	Exótica
Picão roxo	<i>Ageratum conyzoides</i>	Cobertura de solo	Nativa
Crotalária	<i>Crotalaria spp.</i>	Adubação verde	Exótica
Lágrima-de-nossa-senhora / capiá	<i>Coix lacryma-jobi</i>	Ornamental	Exótica

Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i>	PANC	Exótica
Mini abacaxi	<i>Ananas Ananassoides</i>	Ornamental/alimentação	Nativa
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i>	Alimentação	Exótica
Couve	<i>Brassica oleracea</i>	Alimentação	Exótica
Manjericão	<i>Ocimum basilicum</i>	Alimentação/medicinal	Exótica
Alface	<i>Lactuca sativa</i>	Alimentação	Exótica
Repolho	<i>Brassica oleracea var. capitata</i>	Alimentação	Exótica
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	Alimentação	Exótica
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i>	Alimentação	Exótica
Rúcula	<i>Eruca vesicaria ssp. sativa</i>	Alimentação	Exótica
Brócolis	<i>Brassica oleracea var. italica</i>	Alimentação	Exótica
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>	Alimentação	Exótica
Alho	<i>Allium sativum</i>	Alimentação/medicinal	Exótica
Almeirão	<i>Cichorium intybus subsp. intybus</i>	Alimentação	Exótica
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i>	Alimentação	Exótica
Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i>	Alimentação	Nativa
Radite	<i>Cichorium intybus</i>	PANC	Nativa
Peixinho	<i>Stachys byzantina</i>	PANC	Exótica
Cenoura	<i>Daucus carota</i>	Alimentação	Exótica
Alface roxa	<i>Lactuca sativa var.</i>	Alimentação	Exótica
Pepino	<i>Cucumis sativus</i>	Alimentação	Exótica

Hortelã	<i>Mentha spicata</i>	Alimentação/Medicinal	Exótica
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Medicinal	Exótica
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	Alimentação/Medicinal	Exótica
Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze</i>	Medicinal/PANC	Nativa
Pimenta	<i>Capsicum spp.</i>	Alimentação	Exótica
Malva	<i>Malva spp.</i>	Medicinal	Exótica
Feijão	<i>Phaseolus Vulgaris</i>	Alimentação/adubação verde	Exótica
Salvia	<i>Salvia officinalis</i>	Alimentação/Medicinal	Exótica
Amora	<i>Rubus subg. Rubus</i>	Alimentação	Exótica
Maracujá-doce	<i>Passiflora alata</i>	Alimentação	Nativa
Pitaya	<i>Selenicereus undatus</i>	Alimentação/ornamento	Exótica
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	Alimentação	Nativa
Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i>	Alimentação/Medicinal	Exótica
Guiné	<i>Petiveria tetrandra</i>	Ornamental/Medicinal/Espiritual	Nativa
Mentruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	PANC/Medicinal	Nativa
Abobrinha	<i>Cucurbita pepo</i>	Alimentação	Exótica
Berinjela	<i>Solanum melongena</i>	Alimentação	Exótica
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i>	Alimentação	Exótica
Limão	<i>Citrus spp.</i>	Alimentação/Medicinal	Exótica
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i>	Alimentação	Nativa

Chuchu	<i>Sechium edule</i>	Alimentação	Exótica
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Ornamental/Medicinal	Exótica
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Medicinal	Exótica
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Medicinal	Exótica

Fonte: Autores, 2023.

É importante enfatizar a utilização das PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais) na realidade dessas/desses agricultores urbanos, enquanto grandes promotoras da diversidade alimentar e forte aliada da soberania e segurança alimentar e nutricional da população urbana, que vem dia após dia, sendo tensionada pelos mercados e seus alimentos ultraprocessados.

Dos nove quintais, em cinco deles ocorreu a presença da PANC Ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*), alimento conhecido por conter valor nutricional elevado e por uma boa adaptação no contexto litorâneo do Paraná, sendo indicado a utilização na alimentação, pelos próprios agricultores urbanos, em saladas e refogados.

Nas lentes da Agroecologia, “a revalorização das PANC é estratégia contra a monocultura do paladar e a dependência de sementes industriais” (KINUPP, V. F.; LORENZI, H. 2014, p. 42).

Nesse sentido, a afirmação de que:

A alimentação é um dos requisitos básicos para a formação de um povo, tendo em vista que a aquisição desses alimentos desempenha um papel fundamental na formação de qualquer cultura. A prática de alimentar-se agrega tanto a satisfação que o organismo necessita como integra as pessoas e proporciona a união de costumes, representando, desse modo, um método de socialização (SILVA; SILVA, 2022, pg. 29).

Dialogando profundamente com a realidade, por exemplo, que a horta comunitária da Associação de moradores do bairro Vila Nova vem vivendo.

As famílias têm esse espaço como um lugar comum de afeto, vivenciado pelas muitas pessoas que estão inseridas no processo de construção e manutenção da horta. Vale destacar, que muitas pessoas inclusive, não tem onde plantar, mas, ainda assim, tem o cultivo como um resgate de suas raízes.

Para Biazoti (2017) as hortas urbanas, mais precisamente, são consideradas espaços ricos para a construção de novas identidades urbanas, gerando um senso de comunidade

a partir do alimento e transcendendo para outras áreas do conhecimento, possibilitando a consolidação de uma nova proposta de cidade.

Como definição de território e sua relação de pertencimento, em seu ensaio Dinheiro e Território, Milton Santos (1999) afirma que o território é o lugar onde todas as ações, paixões, poderes, forças, fraquezas acontecem, onde a história do ser humano, integralmente se cria, se gera, se opera, se forma e se transforma, a partir das plenas manifestações de sua genuína existência.

Ao que se diz respeito à poética da urbanidade em manifestar sua genuína existência, destaco o quintal produtivo do Lau de Caiobá, repleto de expressões criativas e artísticas, além da diversidade de espécies vegetais e animais.

No espaço com cerca de 12mx30m, foram mapeadas 30 espécies entre plantas nativas e exóticas, medicinais, frutíferas, hortaliças e PANC.

Além das espécies vegetais, o quintal abriga a criação de 6 galos, 10 galinhas e 1 pintinho, além de uma inusitada caixa de som antiga, que virou caixa de criação de abelhas Jataí.

Descreve a diversidade de animais que transitam pelo quintal, como pássaros, abelhas Jataí e Mamangavas, formigas e minhocas, inclusive, trabalha com vermicompostagem de resíduos orgânicos com as minhocas nativas. Seus cultivos vêm das trocas de sementes e mudas. Ao ser questionado sobre o que representa para ele o quintal produtivo, relata que é “meu paraíso”.

Figura 3 – Quintal produtivo urbano e periurbano do Lau de Caiobá em Matinhos, Paraná.



Fonte: Autores (2023).

No entanto, a cidade enfrenta grandes desafios relacionados à segurança e soberania alimentar e nutricional, sustentabilidade ambiental e resiliência econômica.

Diante disso, se destaca o potencial dos quintais produtivos como uma alternativa muito utilizada pelos moradores locais, dada a combinação de clima favorável e a necessidade crescente de soluções para a produção e acesso de alimentos saudáveis no município.

Este tema ganhou destaque nas últimas décadas como uma estratégia sustentável para a produção de alimentos e para o fortalecimento da segurança e da soberania alimentar e nutricional.

Partindo do pressuposto de Bezerra (2021) de que a população exerça o seu direito de escolha ao decidir o que irá plantar, colher e comer, tendo como essência a autonomia somada a conservação da agrobiodiversidade que, muitas vezes, está relacionada às histórias de vida de quem os cultiva.

Trabalhar uma horta e/ou um quintal produtivo é trabalhar um ecossistema, entender a organização sistemática desse espaço (quintal) é compreender os processos de

um ecossistema, e entender um ecossistema, é entender um território, e o território por sua vez, é a identidade de um povo.

Nesse sentido, busca-se “um desenvolvimento que respeite os distintos modos e as diferentes culturas e que favoreçam a preservação da biodiversidade” (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, p.21).

Como sendo um dos princípios da Agroecologia, é eleita como centro da discussão, a temática da agricultura urbana e periurbana, juntamente aos quintais produtivos como estratégias pela soberania e segurança alimentar e nutricional da população. Neste sentido, é importante enfatizar o conceito como:

“Soberania e segurança alimentar e nutricional (SSAN) é o direito dos povos – mulheres, homens e jovens – de incidirem nas ações públicas (programas, políticas) e/ou em estratégias territoriais sustentáveis de produção, distribuição, comercialização, acesso e consumo de alimentos. As populações rurais e urbanas devem, portanto, protagonizar atitudes individuais e coletivas para materializar a SSAN mediante o apoio social e político e, ainda, acessando os recursos necessários. O acesso regular e permanente, à luz do direito humano à alimentação adequada e saudável para todos e todas, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais para a produção e a reprodução da vida, é a essência da SSAN. Esta deve ser pautada nos sistemas agroalimentares agroecológicos que priorizem os processos e técnicas que não violem os direitos humanos e da natureza, bem como deve resgatar, manter e/ou orientar as práticas – de produção e consumo – dos povos das águas, das florestas, dos campos e das cidades” (BEZERRA, 2021, p.718).

O quintal produtivo é mais profundo que uma técnica de manejo com o simples intuito de plantar e colher alimentos, é o modo como é cultivado que o caracteriza, tais modos manifestam os traços culturais e formas de existir e se expressar, fruto da história, vivência, afetividade e tradição de cada família e/ou comunidade.

### 3.2 QUINTAIS PRODUTIVOS RURAIS

Nesse contexto, apresenta-se brevemente a experiência de quatro famílias da Comunidade Agroflorestral José Lutzenberger, situada no município de Antonina/PR, assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) reconhecido após 20 anos da ocupação das terras improdutivas de uma antiga fazenda de criação de búfalos, vivenciando conflitos socioambientais desde a década de 1990.

Os quintais produtivos da comunidade carregam como principal característica os Sistemas Agroflorestrais (SAF), que auxiliam efetivamente no processo de resiliência deste sistema produtivo.

“Além da degradação das terras, os camponeses e as camponesas têm sofrido com as adversidades climáticas, com veranicos prolongados, que levam a perdas de sementeiras e mortalidade das mudas plantadas, além de,

consequentemente, perdas de suas produções agrícolas” (LOPES, et al., 2018, p. 3).

Como nos traz Soares (2020, p. 32) “o local de produção dos principais alimentos de uma família agricultora reflete diretamente na disponibilidade desses alimentos no dia a dia das famílias” e para além do contexto alimentar da família, também auxilia economicamente através da geração de renda nas vendas dos excessos de produção.

Ao longo do processo de mapeamento, a metodologia da caminhada transversal (Figura 3) propõem uma conversa fluida acerca e no contexto do próprio território e, é nesse momento, que nos relatos sobre a história da ocupação da terra, foi possível compreender melhor a importância e o impacto significativo do trabalho das famílias que vivem na comunidade.

Através dos quintais, hortas e SAF as famílias oportunizaram que o rio pequeno retornasse ao seu curso natural, o fato da comunidade não utilizar de agrotóxicos possibilita a segurança, saúde e qualidade de uma água limpa e rica em minerais colaborando com um ecossistema saudável e diverso.

Figura 3 – Caminhada Transversal no Assentamento José Lutzenberger em Antonina/PR.



Fonte: Autores (2022).

A comunidade se organiza espacialmente com lotes e quintais sem muros ou cercas, de acordo com o modo de existir caiçara, tradicional do contexto litorâneo do Paraná.

Nos 4000m<sup>2</sup> de área produtiva de cada família a diversidade de espécies vegetais cultivadas no assentamento é notável, contabilizando um total de 44 espécies vegetais (desconsiderando as espécies espontâneas), sendo 25 espécies nativas do Brasil e 19 espécies exóticas entre arbóreas, frutíferas, PANC, medicinais e adubadeiras descritas no Quadro 2.

Nota-se a relação da diversidade presente na comunidade com as estratégias de ecodesenvolvimento descritas por Sachs (1986), que nos diz que é preciso atentar-se à harmonização dos objetivos sociais e ambientais, visando um crescimento ambientalmente prudente, sustentável e socialmente responsável, voltado para uma qualidade de vida de grau elevado e equitativamente distribuído.

Neste sentido, é importante que tenhamos uma compreensão ampla do sistema de produção, levando em consideração não somente a produção de alimentos ou a conservação da fauna e flora nativa, mas, também as famílias que vivem no contexto deste ecossistema.

A adoção do manejo agroflorestal proporciona diversos benefícios ao meio ambiente e as pessoas nele inseridas (MICCOLIS et al., 2016).

A terra como centralidade das relações na comunidade não é vista apenas como um recurso a ser desfrutado para fins somente econômicos, mas para um desenvolvimento integral da comunidade na relação ser humano e natureza, neste sentido enfatizamos o quintal enquanto restauração de terra e de gente em suas multidimensionalidades.

“A restauração de terra e de gente enfatiza o grande potencial que os sistemas agroflorestais representam, juntamente com a resistência e resiliência das famílias assentadas, combinados em um denominador comum: o cuidado com o solo. O solo, visto primeiramente como lote, quando se inicia a etapa de concretização da conquista pela terra, agora como família assentada e, posteriormente, o solo como substrato essencial para melhorar a qualidade de vida das famílias, refletindo na segurança alimentar, hídrica e energética. O solo, portanto, é o ponto de partida e de chegada, pois se a conquista pela terra é o primeiro objetivo, o segundo é ter condições de vida digna.” (CRODA, 2023, P. 97)

Considerando estes fatores, para além do consumo desses alimentos para suas famílias, a comunidade vem comercializando o que há em excesso, participando de políticas públicas como o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), abastecendo escolas dos municípios de Antonina e Matinhos com um alimento rico e nutritivo, fruto do trabalho da agricultura familiar em luta pela reforma agrária.

Quadro 2 – Espécies mapeadas em quatro quintais do Assentamento José Lutzenberger em Antonina/PR.

Nome popular	Nome científico	Usos	Origem
Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Medicinal	Exótica
Banana	<i>Musa spp.</i>	Alimentação/comercialização	Exótica
Batata doce	<i>Ipomoea batatas</i>	Alimentação/comercialização	Exótica
Taperebá/caja	<i>Spondias mombin</i>	Alimentação/beneficiamento/comercialização	Nativa
Laranja lima	<i>Citrus spp.</i>	Alimentação/comercialização	Exótica
Bambu	<i>Bambusoideae spp.</i>	Bioconstrução	Nativa
Guaco	<i>Mikania glomerata</i>	Medicinal	Nativa
Guabiroba	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Alimentação	Nativa
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	Alimentação	Nativa
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>	Madeira	Nativa
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i>	Alimentação	Nativa
Limão	<i>Citrus spp.</i>	Alimentação/comercialização	Exótica
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i>	Alimentação/comercialização	Nativa
Pau-brasil	<i>Paubrasilia echinata</i>	Ornamentação	Nativa
Margaridão	<i>Sphagneticola trilobata</i>	Cobertura de solo	Exótica
Araçá goiaba	<i>Psidium spp.</i>	Alimentação/beneficiamento/comercialização	Nativa
Jabuticaba	<i>Plinia cauliflora</i>	Alimentação	Nativa
Condessa	<i>Annona reticulata</i>	Alimentação	Exótica
Abacate	<i>Persea spp.</i>	Alimentação	Exótica
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Alimentação	Exótica
Guaricica	<i>Vochysia bifalcata</i>	Madeira	Nativa
Carvalho	<i>Quercus spp.</i>	Adubadeira	Exótica
Café	<i>Coffea spp.</i>	Bebida	Exótica
Juçara	<i>Euterpe edulis</i>	Alimentação/comercial	Nativa

		ização	
Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i>	Alimentação/comercialização	Nativa
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	Alimentação/comercialização	Nativa
Ingá	<i>Inga spp.</i>	Azubadeira	Nativa
Urucum	<i>Bixa orellana</i>	Alimentação/comercialização	Nativa
Açoita-cavalo	<i>Luehea divaricata</i>	Azubadeira/regeneração	Nativa
Guaçatonga	<i>Casearia sylvestris</i>	Regeneração	Nativa
Amora	<i>Rubus spp.</i>	Alimentação	Exótica
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i>	Alimentação	Nativa
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i>	Alimentação	Exótica
Mimosa	<i>Citrus reticulata</i>	Alimentação/comercialização	Exótica
Ameixa	<i>Prunus spp.</i>	Alimentação	Exótica
Figo	<i>Ficus carica</i>	Alimentação	Exótica
Uva	<i>Vitis vinifera</i>	Alimentação	Exótica
Cacau	<i>Theobroma cacao</i>	Alimentação/comercialização	Nativa
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>	Alimentação	Nativa
Guapuruvu	<i>Schizolobium parahyba</i>	Azubadeira	Nativa
Maricá	<i>Mimosa bimucronata</i>	Medicinal/atrainizadores	Nativa
Jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Alimentação	Nativa
Lichia	<i>Litchi chinensis</i>	Alimentação	Exótica

Fonte: Autores, 2022.

Em uma análise quantitativa, a utilização das espécies cultivadas nos quintais do assentamento é predominantemente alimentar, considerando a alimentação das próprias famílias que os cultivam, como também o beneficiamento e comercialização desses alimentos.

Sendo assim, além de promover a segurança e soberania alimentar e nutricional, também nos indica a potencialidade de geração de renda para as famílias assentadas,

proporcionando um desenvolvimento sustentável com foco nos âmbitos sociais e econômicos.

Em relação aos usos, é importante destacar os eixos “medicinais”, “adubadeira” e “bioconstrução” como parte importante desses sistemas, revelando a multifuncionalidade do quintal produtivo enquanto um sistema integral e biodiverso.

As adubadeiras consistem em espécies com capacidade de, por exemplo, fixar nitrogênio no solo, como é o caso do Guapuruvu (*Schizolobium parahyba*), uma espécie nativa do Brasil e de crescimento rápido, é uma ótima opção para sistemas agroflorestais (SAF) e muito utilizada em processos de recuperação de áreas degradadas pelo fornecimento de biomassa e proteção ao solo.

Enfim, é importante ressaltar a memória desta terra que clama pela própria vida e consequentemente pela vida de seus habitantes, que naturalmente fazem parte de sua complexidade para além do mercado destruidor capitalista, como nos lembra Enrique Leff:

“Na terra onde se desterrou a natureza e a cultura; neste território colonizado pelo mercado e pela tecnologia, a Agroecologia rememora os tempos em que o solo era suporte da vida e dos sentidos da existência, onde a terra era torrão e o cultivo era cultura; onde cada parcela tinha a singularidade que não só lhe outorgava uma localização geográfica e suas condições geofísicas e ecológicas, senão onde se assentavam identidades, onde os saberes se convertiam em habilidades e práticas para lavar a terra e colher seus frutos. Os saberes se confundiam com os sabores" (LEFF, 2002).

## 5 CONCLUSÃO

Os resultados desse estudo nos revelam que, por mais desafiador que possa ser, as pessoas ainda insistem em plantar, seja em meio ao concreto ou em terra compactada.

Os quintais são símbolos de resistência e afirmação da identidade em um sistema que tensiona a lógica do mercado sobre a vida.

É importante ressaltar que a vasta diversidade de cultivos resulta em ambientes visualmente exuberantes e mais confortáveis, principalmente em relação ao contexto urbano e no que diz respeito à crise climática que estamos atravessando.

A finalidade deste trabalho é destacar a relevância das práticas cotidianas através do retrato de seus quintais, comprovando a dinâmica socioeconômica e da diversidade agroalimentar dispostas nesses espaços superando a lógica da mercantilização da vida e das relações.

Práticas que vem ocasionando uma mudança social e melhoria de vida dessas agricultoras e agricultores urbanos, periurbanos e rurais, defendendo a prática do cultivo dos

quintais produtivos como uma aliada no processo de desenvolvimento territorial sustentável.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BEZERRA, Islândia. Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa *et al.* **Dicionário de agroecologia e educação**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

BLAZOTI, A.R., Insustentável leveza hortelã: agricultura urbana como ferramenta de transformação urbana. *In*: SORRENTINO, Marcos *et al.* **Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades mais saudáveis**. Piracicaba, SP: MH Ambiente Natural, 2017.

CAPORAL, Francisco Roberto. COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: Perspectivas para uma nova extensão rural**. Rev. Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent., Porto Alegre, v1, n1, jan./mar.2000.

CRODA, J.P. **Restauração de Terra e de gente: Alimento-Água-Energia e os Quintais Agroflorestais nos Assentamentos da Reforma Agrária no Pampa**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Engenharia Florestal. Santa Maria - RS, 2023.

DALLABRIDA, Valdir Roque. **Governança territorial: do debate teórico à avaliação da sua prática**. *Análise Social*, v. L (2º), n. 215, p. 304-328, 2015.

DENARDIN, Valdir Frigo; ALVES, Christiane Luci Bezerra; CAZELLA, Ademir Antônio; JUNIOR, Ney Fett; LOPES, Paulo Rogério. **Abordagem territorial do desenvolvimento: Dimensão natural e contribuições para o diagnóstico e prospecção de cenários**. Rev. Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional G&DR. V. 18, N. 1, P. 61-83, jan-abr/2022.

DOS SANTOS, Geneci Ribeiro; CIMA, Justina Ines; BONI, Valdete. Quintais produtivos: A experiência das mulheres camponesas em Santa Catarina. *In*: PULGA, Vanderleia Laodete *et al.* **Mulheres camponesas: Semeando a agroecologia, colhendo saúde e autonomia**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018.

FALS-BORDA, Orlando. **Cómo investigar la realidad para transformarla**. Una sociología sentipensante para América Latina. Bogotá: Siglo del Hombre Editores CLACSO, 2009.

FREIRE, Paulo.; ILLICH, Ivan. **O diálogo de Illich e Freire em torno da educação para uma nova sociedade**: Contrapontos - volume 7 - n. 3 - p. 549-563 - Itajaí, set/dez 2007.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FURLAN, Marcos Roberto; Brisola, Elisa Maria Andrade; Soares Neto, Julino A. Rodrigues e Ribeiro, Suzana L. Salgado. **A reprodução de gênero no cuidado dos quintais no Brasil.** (159 – 173), 2017.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2014.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental.** Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan./mar. 2002.

LOPES, Paulo Rogério *et al.* Enriquecimentos de 500 quintais produtivos com espécies nativas: Uma experiência do projeto assentamentos agroecológicos. **Revista Brasileira de Agroecologia**, p. 181-192 | 2018

MARCHETTI, Fábio Frattini *et al.* Agroecologia: Ciência, movimento político e prática social para mitigação e adaptação às mudanças climáticas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [s. l.], 15 fev. 2023. DOI <https://doi.org/10.33240/rba.v18i1.23714>. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/23714>.

MICCOLIS, Andrew *et al.* **Restaurações ecológica com Sistemas Agroflorestais:** Como conciliar conservação com produção. Brasília: [s. n.], 2016.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável** / organização: Paula Yone Stroh. - Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir** / Ignacy Sachs - São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território.** Geographia: Revista da Pós-Graduação em Geografia, v. 1, n. ju 1999, p. 7-13, 1999.

SAQUET, Marcos Aurélio. **A descoberta do território e outras premissas do Desenvolvimento territorial.** Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg., SÃO PAULO, V.20, N.3, p.479-505, SET.-DEZ. 2018

SILVA, Márcia Regina Farias da; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. (Org.) **Quintais agroecológicos:** tradição, cultivo, conhecimento. São Paulo: Livraria da Física, 2022.

SOARES, Ailsa Cristiane Arcanjo. **Quintais produtivos: do saber ao fazer segurança alimentar no assentamento Zumbi dos Palmares em Mari, Paraíba.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, Araras. 2020. 67f.

TIEPOLO, Liliani Marília. **A inquietude da mata atlântica:** reflexões sobre a política do abandono em uma terra cobiçada. Revista Guaju, Matinhos, v.1, n.2, p. 96-109, jul./dez. 2015